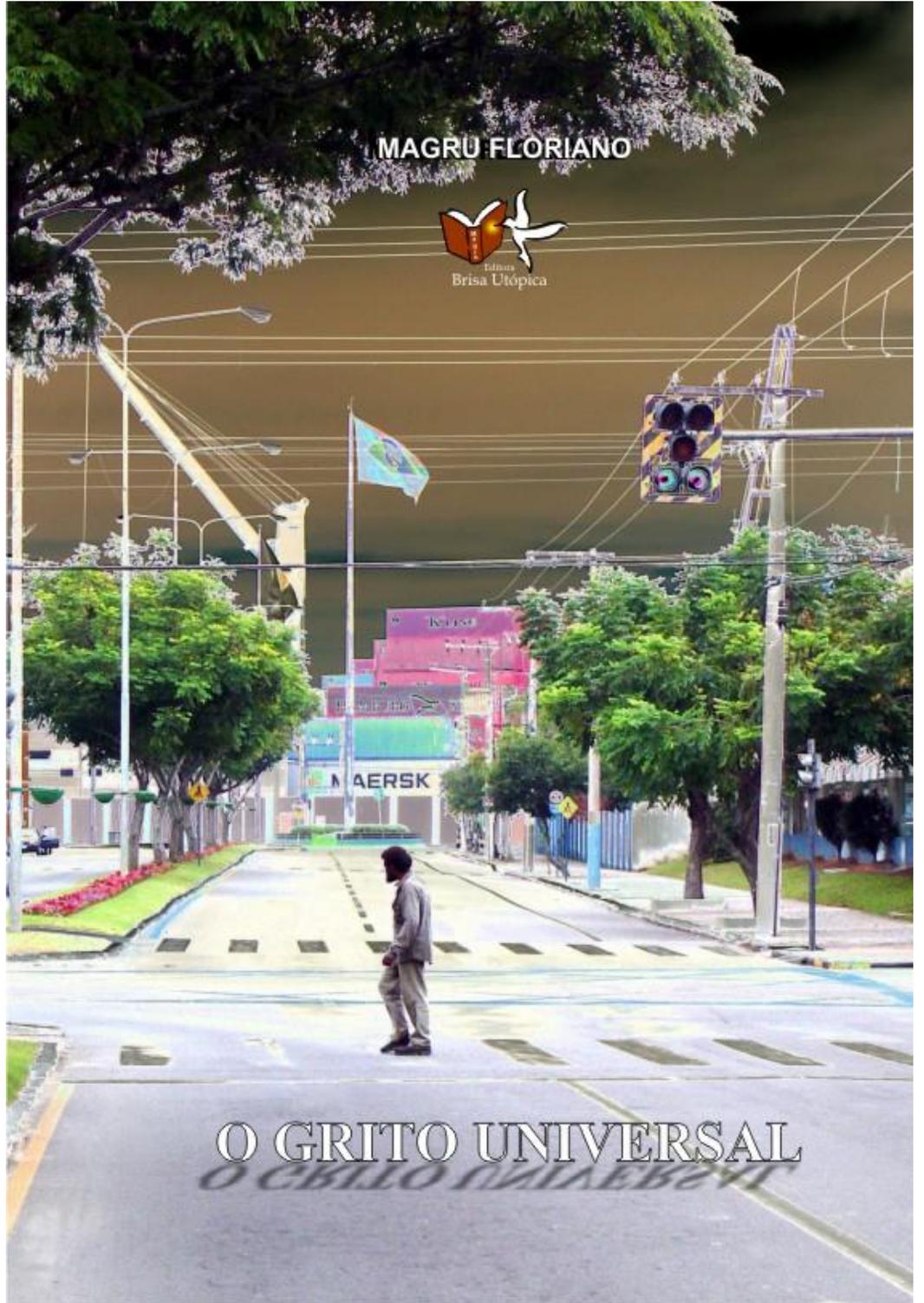


MAGRU FLORIANO



O GRITO UNIVERSAL

MAGRU FLORIANO

O GRITO DA TERRA  
E OUTROS GRITOS

BRISA UTÓPIA  
ITAJAÍ /2008

DEDICATÓRIA

Dedico esse livro ao amigo e poeta  
Nilson Weber

## APRESENTAÇÃO

O presente trabalho tem como escopo fazer dialogar duas manifestações artísticas – fotografia e poesia – ao mesmo tempo que promovendo uma análise sociológica [quase denúncia] sobre a situação dos muitos marginalizados no Brasil. Esse país que já superou a fronteira do subdesenvolvimento e ficou rico, muito rico, ainda tem um povo, na sua maioria, pobre, muito pobre.

Nesse sentido, o trabalho começa mostrando a situação da má distribuição da terra no Brasil, herança do modelo feudal imposto ainda no tempo das capitâneas hereditárias, através de um poema que fala da luta dos movimentos sociais mais radicais como é o caso do Movimento dos Sem-Terra.

Na estrada, segue o caminho da prosa e da imagem, em direção à cidade, onde o número de marginalizados é ainda mais gritante. Então, o grito do campo por justiça social ecoa na cidade de forma acentuada, ricocheteando pelas encostas dos morros que abrigam as muitas favelas, e em cada casa abandonada, calçada e marquise que abrigam nosso povo completamente largado à própria sorte.

Aqui a arte faz-se GRITO!

O GRITO

DA

TERRA

## O GRITO DA TERRA

vejo pessoas caminhando  
por uma estrada de chão batido  
ladeada por cercas de arame-farpado  
passo a passo mais alegres  
como se donas fossem  
do seu destino.  
quem são?  
onde vão?

vejo pessoas caminhando  
seguem alegres, falantes, apressadas  
nas mãos, algumas carregam bandeiras  
outras, facões, pás e enxadas.  
hinos e refrões  
sonoros coros ou simples berros  
abafam o som da batida cadenciada  
dos pés descalços na terra dura.

a cada passo mais exaustas  
a cada passo mais empoeiradas  
a cada passo mais rotas,  
famintas e suadas ...

cansadas e sorridentes  
quem são?  
descamisadas e felizes  
onde vão?

[continua]

vejo pessoas caminhando  
quanto mais cansadas, mais unidas  
quanto mais rotas, mais decididas  
formando uma tertúlia  
ávidas por um torrão de terra  
onde plantar futuro, sonhos  
suor e compaixão.  
tudo fazendo por uma pequena leiva  
pedaço diminuto de chão.  
querem apenas plantar arroz  
trigo e feijão  
uma pequena gleba  
onde possam ver brota a vida  
colher a existência  
com suas próprias mãos.

apesar de ser  
um sonho tão pequenino  
não passa de ilusão  
o que tem de justo, tem de proibido:  
a terra tem cerca, tem dono  
e os homens, há muito  
desaprenderam a dividir o pão.

a cada passo  
a cada canto, então  
a paz parece mais distante  
fardas e armas  
reforçam as cercas  
cada homem, como se fosse um mourão  
fincando firme no solo  
como esteio da grande propriedade  
orgulho do senhor patrão.

[continua]

vejo pessoas caminhando  
armas desfazendo sonhos  
e corpos caindo ao chão.  
quem cai?  
por que morre?

meu Deus! meu Deus!  
é justo tombar na luta  
um homem que apenas sonha  
para os seus?  
é justo!? diga-me, por favor, senhor!  
é J-U-S-T-O?  
com tanta terra  
com tanto gado  
por que fazer de seu povo  
um povo desgraçado?

se há comida – por que morrer de fome?  
se há terra – por que morrer peregrino?  
se há riqueza – por que viver roto, desvalido?  
por que morrer paria  
no meio do caminho?  
por quê?

## IL GRIDO DELLA TERRA

vedo persone camminando  
per una strada di terra sbatuta  
affiancata per siepe di filo spinato  
passo a passo piú allegri  
come si padrone fossero  
del suo destino.  
chi sono?  
dove vanno?

vedo persone camminando  
seguono alegri, parlanti, frettolosi  
nelle mani, alcuni portano bandiere  
altri, falce, pale, zappe  
inni, ritornelli  
sonori cori o semplici gridi  
affogati il suono delle battute cadenzata  
dei piedi scalzi nella terra dura.

ogni passo piú esauste  
ogni passo piú impolverata  
ogni passo piú rote  
affamate e sudate ...

stanche e sorridente  
chi sono?  
scamiciate e felice  
dove vanno?

[continua]

vedo persone stanche  
piú stanche sono, piú unite  
piú rotte sono, piú decise  
formando una adunanza  
avide per un pezzo di terra  
dove piantare i futuri sogni  
sudori e compassioni  
facendo tutto per una piccola gleba  
pezzo diminuto di terra  
vogliono appena piantare il riso  
granno e fagioli  
una piccola gleba  
dove possono veder germinare la vita  
racogliere la esistenza  
con sue proprie mani.

purtroppo di essere  
un sogno cosí piccolino  
non passa d` ilusione  
che c` é di giusto, c` é proibito:  
la terra senza siepe, senza padrone  
e gli uomini, ne sono tanti  
hanno disimparato a dividere il pane.

ogni passo  
a ogni angolo, allora  
la pace sembra piú lontana  
uniforme e armi  
rifornano le siepe  
ogni uomo, come si fossero una palanca  
piegata firme nell suolo  
come palanca della grande proprietá  
orgoglio del signor padrone.

[continua]

vedo persone camminando  
armi sfacendo sogni  
corpi caduti per terra.  
chi cade?  
per che muoiono?

dio mio! Dio mio!  
é giusto cadere nella lotta  
um uomo che appena sogna  
per i suoi?  
é giusto!? dicame, per favore, Signore!  
é G-I-U-S-T-O?  
con tanta terra  
con tanto armento  
per che fare di questo popolo  
um popolo disgraziato?

se c'è cibo - per che morire di famme?  
se c'è terra - per che morire pellegrino?  
se c'è ricchezza - per che vivere rotti, svalutati?  
per che morire paria  
in mezzo alla strada?  
per che?

---

## EL GRITO DE LA TIERRA

---

veo personas caminando  
por un sendero de tierra  
bordeado de cercos de alambre de púas  
paso a paso más alegres  
como si dueñas fuesen  
de su destino.  
¿quiénes son?  
¿adónde van?

veo personas caminando  
siguen alegres, habladoras, apresuradas  
en las manos, algunas llevan banderas  
otras, facones, palas y azadas.  
himnos y consignas  
sonoros coros o sencillos gritos  
sofocan el sonido del golpe rítmico  
de los pies descalzos en la tierra dura.

a cada paso más exhaustas  
a cada paso más empolvadas  
a cada paso más rotas,  
hambrientas y sudadas ...

cansadas y sonrientes  
¿quiénes son?  
descamisadas y felices  
¿adónde van?

[continua]

veo personas caminando  
cuanto más cansadas, más unidas  
cuanto más rotas, más decididas  
formando una tertulia  
ávidas por un terrón de tierra  
donde plantar futuro, sueños  
sudor y compasión.  
haciendo de todo por un pequeño terreno  
pedazo diminuto de tierra.  
quieren apenas plantar arroz  
trigo y frijol  
una pequeña gleba  
donde puedan ver brotar la vida  
cosechar la existencia  
con sus propias manos.

a pesar de ser  
un sueño tan pequeñito  
no pasa de ilusión  
lo que tiene de justo, tiene de prohibido:  
la tierra tiene cerco, tiene dueño  
y los hombres, hace mucho  
desaprendieron a dividir el pan.

a cada paso  
a cada canto, entonces  
la paz parece más distante  
uniformes y armas  
refuerzan los cercos  
cada hombre, como si fuese um mojón  
clavado firme en el suelo  
como puntal de la gran propiedad  
orgullo del señor patrón.

[CONTINUA]

veo personas caminando  
armas deshaciendo sueños  
y cuerpos cayendo al suelo.  
¿quién cae?  
¿por qué muere?

!Dios mío! !Dios mío!  
¿es justo que caiga en la lucha  
un hombre que apenas sueña  
para los suyos?  
¿!es justo!? !dime, por favor, señor!  
¿es J-U-S-T-O?  
con tanta tierra  
con tanto ganado  
¿por qué hacer de tu pueblo  
un pueblo desgraciado?

si hay comida – ¿por qué morir de hambre?  
si hay tierra – ¿por qué morir peregrino?  
si hay riqueza – ¿por qué vivir roto, desvalido?  
¿por qué morir paria  
en el medio del camino?  
¿por qué?

---

## THE EARTH CRIES OUT

I see people walking  
along a rutty mud road  
surrounded by barbed wire fences  
happier with each step  
as though masters  
of their own destiny.  
who are they?  
where are they going?

I see people walking  
happy, talkative, hurrying  
some carrying flags  
others, machetes, spades and hoes.  
Anthems and refrains  
sonorous choruses or raw cries  
muffle the sound of the beating rhythm  
of their bare feet upon the hard earth.

growing more exhausted with each step  
with each step more dusty  
with each step more routes,  
hungry and sweating ...

tired and smiling  
who are they?  
Bare-chested and happy  
where are they going?

[Continua]

I see people walking  
the more weary they grow, the more united  
the more routes, the more decided  
forming an informal gathering  
eager for a clod of earth  
a place to plant the future, dreams  
sweat and compassion.  
all this for a small furrow  
a tiny piece of land.  
all they want is to plant rice  
wheat and beans  
a small patch of land  
where they can see life budding  
harvesting existence  
with their own hands.

although it is  
such a small dream  
it is no more than an illusion  
it is fair, yet forbidden, in equal measure  
the land has a fence, it has an owner,  
and men, long since,  
have forgotten how to share the bread.

With each step  
With each song, then  
peace seems far off  
uniforms and weapons  
reinforce their fences  
each man, as through he were a post  
standing firm on the soil  
like the supports of a large property  
the landowner's pride.

[CONTINUA]

I see people walking  
weapons destroying dreams  
and bodies falling to the ground.  
who falls?  
why die?

My God! My God!  
is it fair to fall in the fight  
a man who is only dreaming  
for their loved ones.  
is it fair!? Tell me, please, sir!  
Is it F-A-I-R?  
with so much land  
with so much cattle  
why make your own people  
a despised people?

if there is food – why die of hunger?  
if there is land - why die a pilgrim?  
if there is wealth – why live broken, worthless?  
why die a social outcast  
in the middle of the road?  
why?

---

---

## Der Ruf der Erde

Ich sehe Personen , die  
durch eine Erdstraße gehen  
umgezäunt mit Stacheldraht.  
Schritt nach Schritt sind sie fröhlicher  
als ob sie Besitzer  
von ihrem Schicksal wären.  
Wer sind sie?  
Wohin gehen sie?

Ich sehe Leute an gehen  
gehen froh, sprechend, eilig weiter.  
In den Händen, tragen einige Flaggen  
andere Buschmesser, Spaden und Hacken,  
Hymne und Refrain  
Wohlklingende Chore oder einfache Schrei  
dumpfen den Ton der rhythmischen Schlag  
von den barfussigen Füßen auf der harte Erde.

Nach jeder Schritt erschöpfter  
Nach jeder Schritt staubiger  
Nach jeder Schritt ärmer  
hungriger und geschwitzt...

Müde und lachend  
Wer sind sie?  
Ohne Hemde und froh  
Wohin gehen sie?

[continua]

Ich sehe Leute an gehen  
desto mehr müde, mehr zusammen.  
Sie bilden eine Gesellschaft  
gierig für ein Stück Erde  
wo sie Zukunft, Träume  
Schweiß und Mitleid pflanzen.  
Sie machen alles um eine Ackerscholle,  
kleiner Stück Erdboden,  
wollen nur Reis pflanzen  
Weizen und Bohnen,  
eine kleine Fläche  
wo sie das das Leben keimen sehen  
die Existenz begreifen  
mit ihren eigenen Hände.

Obwohl es einen sehr kleinen Traum ist,  
ist es nicht mehr als eine Illusion  
was es von gerecht gibt, gibt es verboten:  
die Erde hat Zaun, hat Besitzer  
und die Menschen haben seit lange  
vergessen den Brot zu teilen.

In jeder Schritt  
in jede Ecke, dann  
der Frieden sieht entfernt aus  
Uniformen und Waffen  
verstärken die Zäune  
jeder Mensch, ist wie eine Mauer  
in die Erde stark reinstecken  
als stütze von das grosse Land  
stolz von der Herr Besitzer.

continua]

Ich sehe Leute an gehen  
Waffen, Träume an zerstören  
Körper fallen auf dem Boden.  
Wer fällt?  
Warum sterben?

Mein Gott! Mein Gott!  
Ist es gerecht in Kampf umfallen  
ein Mensch wo nur träumt  
für sein Volk?  
Ist es gerecht? Erzähl mir, bitte, Herr!  
Ist es g-e-r-e-c-h-t?  
Mit so viel Erde  
Mit so viel Vieh  
Warum von seinem Volk  
einem unglücklichen Volk machen?

Wenn es Essen gibt – warum vor Hunger sterben?  
Wenn es Erde gibt – warum als ein Pilger sterben?  
Wenn es Geld gibt – warum schlecht leben?  
Warum sterben ohne nichts in der Mitte vom Weg?  
Warum?

---

OUTROS

GRITOS

---

## QUEM SE IMPORTA?

---

hoje é sábado  
e deus abre sobre nós manto feito de nuvens  
nos cobrindo com seu carinho de pai  
abrigo do vento sul – frio – de nossas entranhas  
a todos protege com mantos e mantas aladas  
vez e outra, abrindo frestas entre nuvens escuras  
por onde espia nossas vicissitudes, temores e inquietudes

mas, eis que para além de sua proteção de pai piedoso  
jogado no meio da rua  
sem direito a pedir perdão,  
ou ter direito à partilha do maná, que é pão,  
em estado de pura miséria  
sobra um ser a quem chamamos mendigo  
o último da escória da escória  
a sobra da humanidade renegada entre a ralé

quem se importa?

se deus, que a todos protege com seu carinho  
de pai onisciente e onipresente – não olha  
E se o demônio, que a todos devora com seu olhar  
plutocrata de fera – também o ignora  
quem se importa?

[continua]

o poeta se importa!  
recusa a cobrir-lhe com seu olhar piedoso e indiferente  
e serve-lhe o alimento da sua prosa  
como abrigo dedica-lhe versos  
na intenção de que cada palavra seja conforto,  
amor, compreensão, dignidade...

o poeta se importa  
com aquele, sem nome, tombado na rua  
cuja existência foi desnuda pelo vício ou destino  
fazendo doer a humanidade, mesmo que pouca,  
que inda sobrevive em nós

o poeta se importa  
e lhe oferece o melhor de si:  
o abrigo dos seus versos  
o alimento da sua prosa

## NÃO SOU IMORTAL

não nutro qualquer esperança  
sobre mim mesmo  
sei que vou morrer  
como todos os demais mortais  
e o futuro pertence  
exclusivamente  
a outros...

ao ver Albert Camus  
retratado por Henri Cartier-Bresson  
tenho a compreensão exata  
da imortalidade:  
uma imagem que permanece bela  
para além do tempo  
e dos contra-tempos

mas Cartier-Bresson não me viu  
e sequer respirei o ar asfixiante  
do fumante neurótico e desesperado  
que foi Albert Camus

sei dos meus limites: egoísta, vil, fútil, cotidiano  
insignificante...  
e essa consciência do que sou e do que não sou  
tira-me qualquer esperança  
sobre mim mesmo

resta-me a sabedoria  
de olhar para os outros  
aqueles, que um dia herdarão meu futuro.

## ESCURIDÃO

o brilho das estrelas  
não lembra mais o teu brilho  
e a lâmina d'água do Rio Itajaí  
não reflete mais tua imagem  
contemplativa e serena

as nuvens passageiras  
não desenham teu rosto ao acaso  
no céu avermelhado de final da tarde  
e o vento não traz versos  
sobre teu olhar enigmático e apaixonado  
assim como as sabiás  
esqueceram teu canto  
enquanto as flores do nosso jardim  
esqueceram teu perfume

e dentro de mim então  
calou-se a memória de ti

não sobreviveram as lembranças  
e de ti  
sequer recordo o sorriso

o tempo, faz tempo,  
apagou teu brilho  
dentro de mim

## REALISMO

peço perdão  
por minha alma  
não sentir alegria  
ao ver o sol nascer

este momento belo, que é feito luz,  
ofende as imperfeições da vida  
que por serem muitas  
revelam-se como verdades cotidianas  
remexendo nas entranhas imundas  
do mundo

peço perdão  
por minha alma  
ver o mundo feio, feio

sei que muitos  
esperam do poeta  
a poesia da redenção  
palavras belas que molduram  
as coisas mundanas, imperfeitas, feéricas ...  
sei da missão rejuvenescedora  
alucinógena, romântica  
que muitos atribuem ao poeta  
e peço perdão  
por ver o feio, feio  
e não ter palavras suficientes  
para cobri-lo de alegria  
luz ou meias-verdades

[continua]

peço desculpas  
pelo poeta que sou  
sem palavras suficientes  
para esconder do mundo  
a sua própria imagem

não há beleza em ser mendigo  
estar na chargeira – tingido em vícios  
arcado pelo peso de sua história  
anônima, mas severa

não há luz  
no sangue do flagelado  
pela fome e a miséria urbana  
daquele que foi cuspidor do campo  
pelo egoísmo de poucos

sei que do poeta espera-se luz  
mas como poeta faço questão  
de ver esses seres invisíveis  
que evitamos dirigir nossos olhares  
e a pensar suas mazelas

eu vejo no escuro  
e por isso  
não canto o nascer do sol

## INVISIBILIDADE

que gente é essa  
que grita pelos becos do mundo  
e mesmo assim  
permanece inaudível  
diante da multidão hedonista e fútil?

que gente é essa  
que dorme nas calçadas dos becos  
e bancos das praças do mundo  
e mesmo assim  
permanece invisível  
diante da multidão cega pelo consumo do supérfluo?

responde o homem de bem:  
é gente que não merece nosso olhar  
nossa atenção ou preocupação!  
é gente sem beira e sem eira  
sem nome, sem futuro, sem humanidade!  
é gente que não merece nossas moedas  
materialidade de nossa compaixão.

roupas rotas, sujas  
corpos rotos, sujos  
vidas rotas, sujas  
destinos rotos, sujos

na cidade limpa  
a cidade limpa

[continua]

corpos nus de esperança  
bocas nuas de discurso  
mãos nuas de solidariedade  
abraços nus de afeto

jogada na calçada  
sem existir  
eis que essa gente  
apesar de tudo, sente

mas quem se importa?

## PASSOU NA TEVÊ

hoje todos perguntam:  
quem matou isabella?

a mídia gastou tempo  
a multidão gastou tempo  
a polícia gastou tempo  
a justiça gastou tempo  
em descobrir quem matou essa menina  
de olhar suave e voz angelical

mas, quantas isabelas padecem  
nas enfermarias dos hospitais  
vítimas da violência doméstica  
sem receberem um segundo de atenção?

quantas crianças gritam  
entre paredes de lares desfeitos ?  
quantas crianças gritam  
próximas de nossos ouvidos fechados  
de nossos olhos desatentos  
de nossos corações desapaixonados,  
quantas?

felizmente a mídia  
nos lembra, vez ou outra,  
nossa condição de surdos, mudos e cegos  
para as coisas do mundo

a mídia faz o grito ser ouvido...  
mesmo que por breves instantes.

## QUEM ?

eis que te vejo pedir  
sem nada receber  
atestando a fartura  
da miséria humana

tua boca esfolada e desdentada  
conta histórias de um homem  
que peregrinou entre sodoma e gomorra  
entre infernos e enfermos  
tendo como parceira a insensibilidade humana

teu olhar perdido é de fome  
e conta histórias de um sobrevivente  
do holocausto cotidiano da modernidade

cada trapo como registro da dor  
cada ruga como testemunha do silêncio  
cada ferida como companheira ocasional  
a lhe servir a dor cotidiana

se toda tua dor fosse física  
se toda tua fome fosse de alimento  
se toda tua sede fosse por água  
bastava-te uma moeda  
dessas que trago na algibeira...

mas, és miserável na plenitude  
da tua humanidade  
e além da fome e sede que te serve o corpo  
tens fome e sede de amar  
e ser amado ...

mas .... quem ousaria tanto?

## FERA HUMANA

a lua explica a noite  
o sol explica o dia

a fartura da miséria humana  
é tão vasta, tão intensa  
que sobra para explicar  
a vida e sobrevida  
de todas as nossas insignificâncias

a condição humana explica-se  
nas evidências de fera que guardamos  
na ponta de nossos dentes caninos

e se não uivamos ao luar  
é por puro comodismo  
de não querer desligar a televisão.

## REVOLTA

vou matar o tempo  
enforçar o dia de trabalho  
cortar caminho  
jogar conversa fora  
dobrar a língua  
e cuspir no prato que comer.

## SURPREENDER

*“um segundo de alegria  
na vida de um pária  
é como ilha em oceano aberto  
terra firme a abrigar náufrago”*

pensando assim, saiu o poeta  
por entre párias a lhes surpreender:

para o primeiro – que lhe pediu pão  
deu uma caixa de chocolates finos

para o segundo – que lhe pediu moedas  
deu uma nota de vinte reais

para o terceiro – que lhe pediu um real  
por peça artesanal feita com lata de cerveja velha  
de um abraço de artista  
e todo o dinheiro que lhe restava na carteira

supriu, o poeta, a memória dos párias  
com segundos de alegria  
e por isso fez-se ilha  
em pleno centro da cidade  
cheia de gente insensível e egoísta  
também prestes a naufragar

---

obs: história verdadeira, ocorrida na Páscoa de 2007.

## NARCISO

de tão belo  
preferiu amar a si próprio

escondeu-se no olhar enviesado  
que lhe fornecia, sempre,  
sua própria imagem refletida  
nos espelhos da vida

nem mulheres, nem homens,  
nem a humanidade

amou-se intensamente

e esse amor chegou a tal ponto  
que fugiu para dentro de si mesmo  
para ficar em sua companhia  
na êxtase do amor pleno

amou-se egoisticamente

e nesse egoísmo total  
que só o amor permite  
vez ou outra  
jogava moedas aos pobres pedintes  
nas esquinas da vida  
pensando estar concedendo esmolas  
a quem teve o prazer  
de vê-lo sorrir.

## APESAR DE TUDO

a vida é dor

e se algum momento  
de alegria soçobrou  
nesta trajetória à deriva  
rumo à morte  
foi por puro descuido do  
cria-dor

a noite é escura  
e se alguma luz se impôs  
as trevas de minh'alma  
lúgubre e peregrina  
foi por puro acaso ou afirmação  
do caos que domina a paisagem  
da vida

a noite é escura  
a vida é dor  
apesar da luz  
apesar do amor

## LIBERDADE! LIBERDADE!

hoje é treze  
treze de maio  
maio dos negros, grilhões, chicotes,  
açoites, carne esfolada,  
senzala, gemidos de dor ...

hoje é treze  
treze de maio  
e ninguém lembrou da liberdade  
porque todos deram passos apressados  
em direção ao trabalho  
presos à corda de seus relógios  
grilhões da modernidade

hoje é treze  
treze de maio  
e não ouvi falar em liberdade

vi, pela janela do meu apartamento,  
em plena madrugada,  
treva e neblina  
no embate acelerado da fome  
tragando as formas das coisas  
na rua treze de maio:  
casas, postes, árvores  
e até a própria memória da cidade  
e sua gente escrava  
que se pensa livre de grilhões e senzalas  
mas sequer possui a chave  
de sua própria consciência

## O SINO DA MATRIZ

o poeta insone  
revisita o beco moritz  
contando seus paralelepípedos  
enquanto a neblina lambe  
suas pálpebras quase despertas

não há vida nas horas insones  
apenas um vagar de morto-vivo  
que surfa nas ondas sonoras  
do sino da igreja do santíssimo

o poeta sabe:  
a noite esconde os pássaros  
e expõe à luz de néon  
mariposas, mendigos, prostitutas,  
drogados e seres errantes  
que vagueiam de poste em poste  
de lixo em lixo  
a cata de nada

enquanto o sino interrompe  
o silêncio insone da madrugada  
mendigos vasculham, em busca de nada,  
as lixeiras dos edifícios  
da travessa moritz  
onde encontram, amassadas,  
embalagens de presentes  
com as inscrições:  
*“feliz natal!”*

## FAVELA DO PONTAL

a miséria espia itajaí  
com seus olhos  
de tábuas comidas pelo tempo

é tanta desgraça  
é tanta desventura  
é tanta insensatez  
que as águas do itajaí  
não correm o suficiente  
para levar tudo de volta  
à portugal

a miséria espia itajaí  
nas margens de lá do rio  
abrigo de navegantes  
nutridos pela fé em são pedro e nossa senhora

tanta riqueza  
tanta miséria

mundos opostos  
margens opostas

são pedro e nossa senhora  
abençoam os navegantes  
enquanto o santíssimo guarda itajaí  
sob seu manto sagrado

entre tudo e todos  
passa o rio indiferente  
à sorte dessa gente

## PAI

pai  
desculpe tanta arrogância  
pai  
desculpe tanta ingenuidade  
pai  
desculpe tanta prepotência  
pai  
desculpe tanto arrependimento  
por tudo que não tem como retroceder  
pois tua morte tornou, tudo  
apenas energia solta no infinito

pai  
soubesse, eu, do futuro  
ou soubesse, eu, de mim mesmo  
algo mais do que a soberba me oferecia  
jamais teria te dito uma meia-palavra  
que não fosse mensageira de amor

pai  
soubesse, eu, da saudade  
ou soubesse, eu, de mim mesmo  
algo mais do que a intolerância me oferecia  
jamais faria em direção a ti um meio-gesto  
que não fosse princípio de um beijo

[continua]

pai ....  
hoje caminho pelas estradas barrentas  
das laranjeiras  
e ao longo da planície  
coberta pelo dourado das plantações  
avisto, no cimo de um oteiro  
a igreja de são sebastião  
simples, bucólica, fechada ...  
mas a tudo olhando e tomando tento  
assim como tu, assim como tu pai  
a me olhar

pai  
não foi justa a tua partida  
abrupta, inesperada  
porque não me deu qualquer chance  
de reconciliar contido  
e comigo mesmo  
tua partida é ainda ferida aberta  
um aceno de lenço branco  
tragado pela distância  
e a névoa da saudade  
tua partida é uma chaga  
que não cicatriza em meu peito  
espinho que faz meu corpo  
lacrimar de dor  
latência que faz meu coração  
desacelerar a ponto de querer parar.

[continua]

pai  
não me basta tua memória  
não. não me basta olhar a bucólica  
igrejinha de são sebastião das laranjeiras  
nada é suficiente na ausência de teu beijo  
o beijo do teu perdão

pai  
tua partida me roubou o perdão  
tua partida, pai, me roubou a felicidade  
de se estar em paz com quem se ama  
teu perdão, pai, foi com teu corpo  
rumo a um infinito que desconheço  
o endereço  
a impossibilidade do teu perdão, pai,  
me faz calar, me faz parar  
e no silêncio próprio dos arrependidos  
me construo menos prepotente  
menos arrogante, menos ingênuo  
menos afoito e soberbo

pai  
se não foi justa a tua partida  
porque me roubou o teu perdão  
pelo menos que cada ato meu  
no futuro que inda tenho  
seja antes de tudo, e sempre,  
um pedido de perdão  
por não ter te compreendido  
por não ter te correspondido

pai  
não foi justa a tua partida  
mas um dia também parto  
e será justo nosso reencontro.

## EXEMPLO

meu pai sempre foi exemplo  
que não quis seguir

neguei seus conselhos  
neguei seus discursos  
neguei seus jeitos e trejeitos  
sua roupa, seus ares e seus olhares

ovelha negra  
segui caminho contrário  
e me afastei a ponto de me sentir distante

mas, eis que o tempo  
a tudo emenda e remenda  
e até mesmo trapaceia descaradamente  
com a gente

hoje, vejo que de tanto andar  
pensando na distância que separa  
acabei voltando ao mesmo lugar  
e seguindo seus passos

apesar de não querer  
apesar de maldizer  
apesar de renegar  
apesar de ovelha negra  
e apesar dos pesares  
eu sou o que ele me ensinou  
com seus beijos e olhares.

## OS SINOS DA IGREJA DO SANTÍSSIMO

para que servem  
a uma hora dessas  
os sinos da igreja do santíssimo?  
anunciam as horas  
no vácuo da madrugada  
como pássaros a cantar na gaiola  
sempre, pra nada

para que servem  
os sinos da igreja do santíssimo  
se a humanidade está surda?  
então, dorme o sono dos justos  
porque aprendeu a não ouvir  
sua própria consciência

tivessem os sinos da igreja do santíssimo  
o dom de despertar consciências  
esse som metálico  
que cruza o vácuo negro da madrugada  
seria mais que esmola ou caridade  
seria som da utopia divina na terra

a cada badalada, então,  
um sorriso  
de quem aprendeu a repartir o pão.

## ENCHENTE DE 2008

deus choveu sobre nós  
como choveu sobre noé

nossa gente pobre soçobrou  
por cima do que não tinha  
entre miséria e nada  
sequer piedade de um deus  
que precipitou-se em fúria  
sem dizer seus porquês

por que, deus, fez-se água  
e depois lama?  
por que tirar dessa gente  
o que já não tinha?

talvez quisesse, deus, vingar-se  
do único pecado dessa gente  
de ter nascido entre nada.

## DESEMPREGO

aquele terno  
vestiu seu dono ...  
folheou  
leu o jornal  
em busca de emprego  
sentou debaixo  
da figueira centenária  
entre aposentados, mendigos e hippies  
habitantes da praça quinze  
fumou um cigarro carlton  
e depois ...  
sangrou documentos  
diante do chefe  
da secção de pessoal

---

Poema publicado no livro *Cotidianas – poesias de um cidadão oprimido*.

## OPRESSÃO

é do povo  
aquilo que é permitido  
ao povo

é como ter  
visão aguçada  
estando confinado  
em um cárcere

é como ter  
o domínio da retórica  
tendo a língua decepada

é do povo  
aquilo que é permitido  
ao povo

Poema publicado no livro *Cotidianas – poesias de um cidadão oprimido*.

## AOS SIMPLES

ah, justiça humana  
gloriosa mentira  
pérfida, desleal  
quanto deves a ti mesma?  
quanto roubaste de ti própria?

por que vestes as fantasias douradas  
de reis e governantes?  
por que vestes as togas  
de juízes prepotentes e tendenciosos?  
por que habitas as bocas  
dos senhores “honrados”  
doutores em prevaricar?

nascestes para tutelar a posse da terra  
e aos pobres servir de doce mortalha  
da cerca de arame farpado  
- que nega a milhares de famintos  
o direito de trabalhar para sobreviver  
és a estaca mais forte

às galés acorrentas os pulsos dos destemidos  
dos que ousam dizer não a doutores e tiranos  
esfolas as costas nuas dos que se rebelam  
contra a servidão  
guilhotinas o corpo de quem ousa divergir  
da tua suprema sabedoria

[continua]

ah, justiça humana  
gloriosa mentira  
sempre pérfida  
nascestes para prevaricar  
para proibir as legiões de desgraçados  
a gritar por liberdade  
enclausuras nas masmorras seculares  
os que roubam para não morrer de fome  
proteges os plutocratas, os ávidos pelo vil metal

és, por si, a tradução completa de pleonexia  
representada por um corpo de mulher  
– belo, perfeito, sensível, sedutor  
desnudada és uma medusa implacável  
cujos olhos, por trás das vendas,  
petrificam todos os sonhos da humanidade  
por igualdade, liberdade e fraternidade

na balança que carregas em uma das mãos  
vendestes nossas esperanças  
trocaste nossa liberdade  
por algumas poucas moedas de cobre  
a verdade vendeste em um programa de televisão  
e a fraternidade, ah! a fraternidade ...  
passaste o fio da espada que carregas na outra mão

ah, justiça humana  
gloriosa mentira  
sob teus pés tomba inerte a igualdade

[continua]

calas diante da opressão  
calas diante da posse  
calas diante da guerra e da prepotência das nações  
da injúria e da humilhação  
da fome e do desperdício  
da irracionalidade do interesse individual  
    - sempre vil, mesquinho  
ou da racionalidade do interesse coletivo  
    - sempre distorcido por líderes espertos  
tirana! mentirosa! hipócrita!  
desumana! falsa! insana!  
só não consegues fazer parar  
a lágrima solitária e calma  
que escorre pelos meandros da face  
daquele cidadão correto e ingênuo  
que jamais deixou de acreditar em ti

Poema publicado no livro *Cotidianas – poesias de um cidadão oprimido*.

## INDIFERENTES

outra pessoa  
tão misteriosa quanto sou para mim mesmo  
outra pessoa  
que anda na nossa frente na rua  
sem poder se revelar, sem poder dizer:  
- sou eu, aquela ...

outra pessoa  
outra qualquer que não sabemos quem é  
que anda ao nosso redor  
vive no nosso mundo, respira nosso ar  
outra pessoa  
que povoa nosso cotidiano  
impressiona nossos sentidos  
e nada representa  
outra pessoa [milhares, milhões ...]  
indiferente a nossa indiferença

como multidão não queremos correr o risco  
de reconhecer ou sermos reconhecidos  
somos um exército sem nome  
sem sentimentos, sem dor

somos, cada um e todos nós,  
a outra pessoa ... outra qualquer  
sempre indiferentes à indiferença

Poema publicado no livro *Cotidianas – poesias de um cidadão oprimido*.

## REALIDADE VIRTUAL

por que não leio romances ou vejo novelas?  
sei lá, talvez porque vivo em um país que me revela  
um drama em cada esquina  
uma tragédia em cada barraco

– há fome, miséria, analfabetismo ...  
parece-me excentricidade sofrer, chorar,  
preocupar-se com personagens de ficção,  
quando ao nosso lado, milhares  
realmente padecem em um calvário cotidiano  
imposto pela insensibilidade daqueles  
que diante da televisão  
têm hora marcada para compadecerem  
da humanidade

a novela das oito torna a todos,  
indistintamente, sensíveis e apaixonados  
a ficção lava a mão de todos os pilatos!  
é confissão, é esmola cristã, é perdão  
diante do personagem que sofre –sofremos todos  
para não precisarmos depois, na vida real,  
chorarmos o infortúnio de um mendigo  
deitado na calçada, coberto por jornais,  
em cujo corpo até as moscas hesitam em pousar

you que chorou às oito – lavou sua alma  
melhor assim! posto que tudo seja ficção  
pois a realidade é descolorida e não tem graça  
enquanto o choro coletivo está restrito aos lares  
tudo lá fora continua como sempre  
tudo no seu lugar, como se fôssemos felizes  
nada nos perturbando até a hora de chorarmos  
novamente, defronte a um aparelho de televisão

este brasil, que chora em vão,  
um dia terá a consciência de lutar por pão?!

Poema publicado no livro *Cotidianas – poesias de um cidadão oprimido*.

## RESISTINDO

não basta dizer  
não basta falar ...  
é necessário falar alto  
mais! muito mais alto!

faz-se necessário berrar  
berro pelo mundo  
porque há destruição, desequilíbrio  
berro pela humanidade  
porque há genocídios, guerras fratricidas

não basta dizer ...  
faz-se necessário um grande berro  
o berro da minha boca justa  
o berro de todas as bocas justas  
porque o homem virou lobo  
fazendo do poder um objetivo em si

não basta falar ...  
o berro tem de ser maior que a boca  
    pois a injustiça é maior que o injusto  
    a opressão maior do que o tirano

berro livre, que ecoa pelos grotões  
desse país que ensaia a modernidade

Poema publicado no livro *Cotidianas – poesias de um cidadão oprimido*.

## SOLIDARIEDADE

sempre fui daqueles  
que ousaram sonhar  
por isso mesmo  
nunca tive ilusões  
acerca de nada ou de ninguém

as pessoas são vãs  
e isso agora, parece-me até ser uma coisa boa  
que elas carregam consigo  
vazias de si próprias  
resta às pessoas encherem-se de outras pessoas

sou daquele que existe para ser solidário  
sem o outro – não tenho ilusões  
não há sonho possível ...  
sequer pesadelo

Poema publicado no livro *Cotidianas – poesias de um cidadão oprimido*.

## CIDADANIA

o melhor lugar do mundo  
é onde podemos falar  
por mais trágico que possa ser  
determinado momento  
falar é a possibilidade  
de existir futuro

não há esperança  
para um povo silenciado

falar é o melhor  
nem que se tenham os pardais como ouvintes  
a relva como testemunha  
o vento como emissário  
o eco como aliado

que seja de qualquer jeito  
desde que seja mantida a fala  
enquanto alguém estiver falando  
há esperança  
há indignação  
há espanto  
há vida e futuro

o melhor é falar  
se de tudo a arrogância apropriar-se  
se tudo a prepotência desmanchar  
que reste a voz de um cidadão  
mantendo acesa a esperança  
a certeza de haver futuro

seu silêncio é morte  
sua fala, esperança  
fale cidadão!

Poema publicado no livro *Cotidianas – poesias de um cidadão oprimido*.

## SOLIDARIEDADE

venha comigo  
me dê a mão  
estenda a outra ...  
pegue em mais uma mão

sorria sempre  
gire no mesmo sentido do grupo  
nesta brincadeira de roda  
o faz-de-contas  
alegra o coração

venha comigo  
me dê a mão  
estenda a outra  
para distribuir o pão  
fale sempre palavras justas  
semeie compaixão

venha comigo  
me dê a mão  
estenda a outra  
não diga não

veja pelo cego  
ande pelo aleijado  
ame pelo cético  
sorria com o coração

Poema publicado no livro *Fogo-Fátuo – o diário de um poeta triste*.

## GALHOS SECOS

em cada esquina  
de minha cidade  
próximas a canteiros bem cuidados  
vejo crianças com mãos estendidas  
pedindo um pouco da atenção  
que dispensamos às flores

minha cidade  
aduba terra para ver florir  
begônias e azaléias ...  
e joga no meio da rua  
crianças rotas, rudes ...  
... de olhares famintos

tristes esquinas  
cenários de contraste:  
flores cuidadas, crianças largadas

Poema publicado no livro *Fogo-Fátuo – o diário de um poeta triste*.

O autor retirou os dois últimos versos da edição original:  
*Cepas abortadas / no útero civilizatório.*

## AUSÊNCIA

neste natal  
não quero *presente*  
quero *ausente*

neste natal  
o último do século  
quero sentir a ausência  
das crianças abandonadas  
nas ruas das cidades rudes  
quero registrar a ausência  
do instinto fraticida dos misantropos

neste natal  
quero sentir falta  
a feliz ausência  
dos filhos paridos prematuros  
do egoísmo mercantil

nada mais quero:  
tevé, cedê, carro, relógio ...  
ou abraços compensatórios  
nada mais quero  
senão ausências  
entre presentes  
quero ausentes ...

que todos, então, vestidos de branco,  
possam celebrar  
a fraternal ausência dos males  
que ao longo deste século  
sempre estiveram *presentes*

Poema publicado no livro *Fogo-Fátuo – o diário de um poeta triste*.

## SINAL FECHADO

pelo retrovisor do carro  
vejo a tristeza se aproximar:  
tem o rosto de criança  
tem o corpo de menino

na mão direita  
carrega um pacote de manga  
nos olhos castanhos  
traz muito desânimo

nas esquinas da vida  
quando o sinal está fechado  
abrimos a consciência  
para a realidade a nossa volta:  
crianças abandonadas  
vestidas de tristeza  
clamando por centavos ...

Poema publicado no livro *Fogo-Fátuo – o diário de um poeta triste*.

Obs: O autor trocou no último verso **clamam** por **clamando**

### **é preciso se indignar**

piedade: milhões passam fome  
 piedade: cadeias superlotadas  
 piedade: crianças nas ruas fora das escolas  
 piedade: casas insalubres  
 piedade: concentração de riqueza  
 piedade: pão jogado no lixo  
 piedade: a natureza devastada

e há quem diante de tanta insensatez  
 para no sinaleiro e dá uma moeda  
 de vinte e cinco centavos ao mendigo com AIDS

e há quem diante de tanta pobreza  
 se filia a partidos políticos  
 e profere discursos incandescentes  
 prometendo o paraíso na terra  
 aos marginalizados e desvalidos

e há quem diante de tanta desigualdade  
 prega com Bíblia em mãos  
 e promete o paraíso no céu  
 para todos os que na terra sofrem

e há quem diante de tanta insensatez  
 elabora teorias e sistemas  
 e atribui á razão e planejamento  
 a solução de todos os males contemporâneos

e há quem diante de tanta corrupção  
 descaradamente rouba e corrompe,  
 mente e trapaceia, engana e simula  
 este, piedade, é o estrume fétido  
 que permite nascer do asco  
 a mais bela das flores: a indignação

piedade: o mundo precisa de indignação!

*Poema publicado em PIA-MATER – 2008.*

## Desvio ou desilusão?

jovem linda de cabelos sedosos  
pele cheirosa  
sorriso perfeito

jovem linda de corpo esbelto  
voz macia  
gestos suaves

jovem linda de olhar penetrante  
tez leve  
discurso engajado

jovem linda de educação refinada  
idéias sofisticadas...

o que te fez prostituta?

*Poema publicado em Pia-mater & Insight – 2008.*

## minha cidade chora

a chuva cai relaxada  
sobre a Praça Irineu Bornhausen  
enquanto pombos arrulham, pedintes, o grão da piedade cristã  
dos ouvintes do sermão dominical

o sino da igreja bate frenético  
sonoro vô sobre a Praça Irineu Bornhausen  
enquanto mendigos, também pedintes,  
pouco se importam com a pobreza d'alma  
dos fiéis que cruzam a praça em busca de benção e perdão

quem chora?  
o céu que lacrimeja gotas esparsas?  
o sino que lamenta ausências?  
o crente que pisa a escadaria ensaiando seu primeiro sinal da  
cruz?  
não !  
quem chora é minha cidade  
esta cidade que molhada por gotas de mendicância  
revela injustiça, desigualdade ... desumanidade

minha cidade chora no domingo pela manhã  
ao som do sino, arrulho metálico,  
por ver-se gigante na arquitetura  
mas pequena no coração

minha cidade chora  
por ter erguido uma catedral ao santíssimo  
e esquecido, no banco da praça, um ser humano  
cuja imagem sequer pode ser refletida  
nos vitrais coloridos de nossa fé

[continua]

para que templo  
se do lado de fora o banco de praça é morada?  
para que sinos e hinos  
se o louvor é falso e o banco de praça é morada?  
para que estátuas e vitrais  
se o canto nem sempre é santo e o banco de praça é morada?

se pelo menos cada tijolo fosse piedade  
se pelo menos cada gesto fosse amparo  
se pelo menos cada canto fosse perdão  
se pelos menos cada templo fosse abrigo  
se pelo menos cada lágrima .... fosse lágrima.

[poema publicado em Pia-Mater & Insight – 2008].

## **mundos paralelos**

Sei o quanto de belo tem o mundo:  
pesco ao amanhecer, e também ao entardecer,  
na Baía de Porto Belo

Mas, pela janela de minha biblioteca  
vejo um mendigo dormindo  
na lixeira do Ana Karina

Sei da riqueza do mundo:  
visito casas suntuosas  
e frequento restaurantes requintados

Mas, pela janela de minha biblioteca  
vejo um mendigo dormindo  
na lixeira do Ana Karina

Sei do avanço tecnológico do mundo:  
tenho tevê colorida, celular, internet, computador

Mas, pela janela de minha biblioteca  
vejo um mendigo dormindo  
na lixeira do Ana Karina.

Sei das lutas do mundo:  
votei no MDB e depois no PT e PV  
lutei por causas sociais humanitárias

Mas, pela janela de minha biblioteca  
vejo um mendigo dormindo  
na lixeira do Ana Karina.

O pôr do sol na Baía de Porto Belo  
e o mendigo dormindo na lixeira  
o *filet mignon* do Iate Clube Cabeçadas  
e o mendigo dormindo na lixeira;  
minha tevê colorida vinte e nove polegadas  
e o mendigo dormindo na lixeira  
todas as causas justas, as lutas sociais, o voto consciente  
e o mendigo dormindo na lixeira....

[continua]

Por que não consigo separar essas coisas?  
Que consciência há em mim  
que mistura *filet mignon ao molho madeira* com lixeira  
pescaria ao pôr do sol com mendigo  
alta tecnologia com piedade?

Talvez o mendigo, que dorme na lixeira do Ana Karina,  
se alimente do meu olhar silencioso e piedoso  
e peregrine no território da minha consciência  
de homem pretensamente justo  
Talvez o mendigo, que dorme na lixeira do Ana Karina,  
viva dos restos de minha inércia  
Talvez....

O certo é que há um mendigo  
dormindo na lixeira do edifício Ana Karina  
enquanto eu aqui, no cento e três,  
dou atenção aos livros  
e o pôr do sol em Porto Belo  
me parece cada vez mais misterioso e belo.

---

Poema publicado na antologia: PROJETO PALAVRAS AZUIS.  
Blumenau: Nova Letra, 2005. Coleção Prosa e Verso, volume 4.  
páginas 51-52

## esperando notícias

A cidade abandona nas ruas seus mendigos:  
um dorme na calçada  
outro pede pão pelo interfone  
Uma criança sem eira  
cata papelão e lata de cerveja

Enquanto a alma humana se degenera  
duas andorinhas ensaiam o primeiro vôo  
alimentadas no banquete de verão  
servido na revoada dos cupins

O mendigo faz da calçada  
sua singela morada  
As andorinhas, mais altaneiras,  
fazem ninho na soleira

a ambos resolvi não importunar  
ou livrar da própria sorte:  
contemplação

O homem se faz verme rasteiro  
as aves do céu fazem canteiro  
enquanto ...

*“Deus teima em não mandar notícias” \**

---

\* *“Deus teima em não mandar notícias”* – título do filme de Augustin Diaz Yanes.

Poema publicado na antologia: PROJETO PALAVRAS AZUIS.  
Blumenau: Nova Letra, 2005. Coleção Prosa e Verso, volume 4.  
página 53

Poema publicado em Pia-Mater & Insight – 2008.



## **o mendigo e a rosa**

era um mendigo velho  
arcado sobre a própria história

andava despreocupado sobre as lajotas  
da Travessa Moritz  
quando parou diante de uma rosa branca  
que fugia por entre grades cinzas  
de um muro azul

contemplou quanto pode a rosa  
e, depois, acolheu-a entre suas mãos esfoladas e sujas  
colocando-a suavemente próxima às narinas  
roubando-lhe o perfume

novamente ficou paralisado a contemplá-la  
até que num ato impensado  
antropofágico, rápido  
colocou a rosa branca entre dentes pretos..  
para em seguida dar passos suaves saboreando a rosa  
uma rosa branca que havia fugido  
por entre grades cinzas  
de um muro azul...

poema publicado em Pia-mater & insight - 2008.